

LOULÉ

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno 1.5600 réis; numero avulso 40 réis. Para fóra de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua Barbacem 10 e 12—LOULÉ.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por cada linha, 40 réis; ANNUNCIOS por linha de typo commum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Anuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 1 exemplar. Não se restituem os originaes enviados á redacção, embora não sejam publicados.

LOULÉ

O caso das recompensas aos militares que se distinguiram na campanha d'Africa Oriental tem sido um verdadeiro desastre para o sr. ministro da guerra e foi motivado por esse facto que se levantaram os boatos de crise ministerial e ainda continua a affirmar-se que logo que seja votado o bill o ministerio cairá.

Depois do sr. Pimentel Pinto ter declarado que defenderia como sua a proposta do sr. Arroyo para o posto d'accessão aos officiaes que mais se distinguiram, e de tudo o que se lhe tem succedido, só havia um caminho a seguir, a sahida do ministro da guerra e dos seus collegas, porque seria demasiado favoritismo mais uma recomposição.

Posta de parte a proposta do sr. Arroyo, pelo governo e pela commissão de guerra, entendeu aquelle limitar as recompensas á publicação da lista das condecorações.

Mas com tal precipitação se formulou essa lista, que deixaram de ser condecorados officiaes que não poucos serviços prestaram á nação.

Foi creado um novo grau na ordem de Torre e Espada, o de grande official, que foi conferido ao coronel Galhardo, emquanto ao sr. Antonio Ennes foi dada a Grã-Cruz da mesma ordem.

A proposito d'este facto disse, e com muita razão e justiça, o sr. conde de Lagoaça na camara dos pares:

«Para se galardoar os feitos heroicos dos militares creou-se um novo grau na ordem de Torre e Espada.

Para quê, não havia a grã-cruz? Ainda ha dias tinha visto em S. Carlos o sr. Hintze Ribeiro ostentar essa venera. E o que fez o sr. Hintze á patria para a ter, que beneficios dispensou ao paiz?

O coronel Galhardo merecia a grã-cruz. Mas o coronel Galhardo tinha levado a bandeira portugueza a Coollela e o sr. Hintze Ribeiro levou a Kionga a bandeira allemã.

Emquanto os srs. Antonio Ennes e Hintze Ribeiro têm a grã-cruz a que corresponde as honras de general de divisão, ao commandante da expedição, que atravessou todos os perigos d'esta, não só se lhe nega o posto d'accessão, como se lhe dá o grau de grande official, a que corresponde sómente honras de general de brigada.

O governo quiz explorar com as mani-

festações feitas aos expedicionarios, mas tão inhabil se mostrou que, na questão das recompensas, se divorciou completamente da opinião unanime do paiz, que reclamava fosse approvada a proposta do sr. Arroyo para se conferirem postos d'accessão aos officiaes que mais se distinguiram na campanha.

Apesar da opinião se ter manifestado claramente, a proposta foi posta de lado pela commissão de guerra.

O governo exauctorou-se na presente questão e commetteu ao mesmo tempo injustiças na distribuição das veneras, procurando remedial-as com a publicação de uma nova lista e lançando toda a responsabilidade para cima do sr. Ennes.

Mas o mais competente para fazer qualquer indicação a tal respeito era certamente o coronel Galhardo commandante das forças e que de perto assistiu a tudo, podendo melhor apreciar os feitos de cada official.

O egoismo e ambições pessoais poderam mais do que os sentimentos de justiça e o sr. Pimentel Pinto deixou-se dominar pelas informações prestadas officiosamente e que estavam muito longe de ser verdadeiras.

Tanta indignação causou na opinião publica o passo dado pelo governo que muitos jornaes que lhe eram affectos e que o defendiam, actualmente o combatem pela maneira como pretendeu resolver a questão das recompensas.

O *Journal Comercio* diz:

«Mas, seja de quem fôr a lista, o que é flagrante é que Mousinho de Albuquerque, que acima de todos se singularizou, não só pelo feito da prisão do Gungunhana, mas pela capital importancia pratica do facto—Mousinho é feito commendador com mais oito officiaes, certamente distinctos, mas cujo papel, serão elles os primeiros a reconhecerem, não se compára ao que melhor fortuna quiz que Mousinho desempenhasse.

E o coronel Galhardo?

Recebido como um triumphador e um heroe, a hesitação em condecoral-o parecia antes que devia provir de se não encontrar mercê bastante alta.

Pois não, senhores. A demora foi para lhe regatear a grã-cruz e não lh'a darem finalmente.

A commenda só, seria pouco; a grã-cruz era de mais, pensava o governo».

mente, como se tivesse dormido na secretária. Recolhe o curso; entra; senta-se lá no pulpito; abre a Reforma Judiciaria; rapa dos apontamentos; e durante tres quartos de hora, prelecciosa sem despegar! Pode cair a torre da Universidade; póde Coimbra desabar d'alto a baixo e mesmo escangalhar-se o Orbe, que se escapar a taberna, como lá se chama á sala do 4.º anno, escapou com toda a certeza a preleção—meirinha!

Aos tres quartos, nem mais minuto nem menos minuto, abre o dr. Chaves a caderneta, e chama. Assiste, como se nada fosse com elle, a um estenderete; e cumprida essa obrigação como cumpre todas as outras—fleugmaticamente, levanta-se e vae-se embora.

Mas nos taes dias de exercicios forenses, nem se levantara nem se ia embora. Como aquillo era *fora-parte*, e mais por amor do officio do que por outra coisa, começava então aquella massada, como se a pregasse... por obsequio!

Ora mas os rapazes é que embirravam com o tal obsequio! E porque era uma soffrivel massada, e massada, de mais amais, officiosa, os rapazes faziam por amenisal-a o melhor que podiam,—e poucos a levavam a sério...

Absolutismo

Todos estavam já convencidos de que viviamos em pleno regimen despotico, muito embora o governo até agora tenha querido justificar todas as medidas dictatorias pela necessidade de assim proceder, necessidade esta por ninguem reconhecida, a não ser pelos membros d'um gabinete a que preside um dedicado amigo da nossa *fiel* aliada, o mesmo que fez arvorar em Kionga a bandeira allemã, motivos estes que bem justificam a graça de possuir a grã-cruz de Torre e España, que o governo negou ao coronel Galhardo, heroico defensor da bandeira portugueza na Africa oriental.

Mas se essa convicção ainda não estava bem introduzida no animo de todos, basta para cabal confirmação a phrase pronunciada na camara dos dignos pares pelo presidente do conselho:—«os ministros não dão ordens, recebem nas d'el-rei, e cumprem-nas fielmente.»

Ainda não tinhamos chegado a esta desvergonha.

Os actos do governo coadunam-se perfeitamente com o regimen despotico em que temos vivido ha tempos, mas faltava-lhe unicamente a confirmação official e essa foi feita pelo presidente do conselho bem publica e categoricamente.

Não resta, pois, a minima sombra de duvida de que officialmente já está declarado o absolutismo em Portugal.

Quando todas as nações vão avançando nas conquistas do progresso e da liberdade, Portugal, impellido pelas mãos d'um governo sem escrúpulos e apenas cheio de vaidade e ambição, caminha a passos acelerados para a rectaguarda.

Falta só a inquisição com todo o seu sequito de perseguições, motivadas pelo odio e nunca pela defesa d'um ideal.

A mordaga, a perseguição, a censura prévia á imprensa, que não entoa côros de louvor ao governo, já existe, falta agora a fogueira para os jornalistas que não queiram curvar-se ante a imbecilidade d'um governo despotico e que ousam levantar um protesto em defesa da patria ultrajada e aviltada.

Os expedicionarios

Regressaram a esta villa alguns dos soldados que fizeram parte do corpo expedicionario de Lourenço Marques.

Conversámos com um que pertencia á 4.ª companhia do batalhão de caçadores 3 e que nos referiu o seguinte:

Marcou uma vez o dr. Chaves, para exercicio, uma acção não sei já de quê. Na vespera distribuiu os papeis:—o sr. numero tantos faria de juiz; de ministerio publico, o sr. n.º tal; de escrivães, este e aquelle; de distribuidor, o sr. n.º tal; de official de diligencias, fulano; e, enfim de advogado do auctor, para requerer em juizo a tal acção, um rapaz Mesquita Carvalho.

A patuscada principiava logo com a nomeação do official de diligencias! Immediatamente choviam sobre o nomeado os epigrammas, e pela Via Latina e na rua Larga a montaria não despejava:

— Official! um copo de agua!

— Official! um escarrador!

— Official! estes autos lá p'ra casa!

Acrescendo que o proprio dr. Chaves tinha sempre dedo para o escolher...

Outras patuscadas se faziam.

O papel *sellado*, por exemplo, levava de selo a caricatura d'algun condiscipulo, e os nomes que figuravam nas acções eram sempre... intencionaes. Como fosse marcada, uma vez, uma acção de separação, o advogado fez

A viagem para lá foi por vezes muito tormentosa a ponto de durante alguns dias terem de se conservar na camara com as escotilhas fechadas, porque o mar era muito. O tratamento a bordo era mau e muitos que enjoavam não podiam tomar o rancho, limitando-se a comer pão.

Desembarcaram em Inhambane, onde estiveram alguns dias indo em seguida para o mato. A 4.ª companhia do batalhão de caçadores 3 partiu para Chicomo e em um dos dias de viagem o commandante da companhia recebeu parte de que um regulo tinha entrado nas nossas terras e, por isso, era conveniente estarem prevenidos para qualquer ataque.

Logo que o commandante recebeu esta noticia mandou formar quadrado, ficando no meio d'este as barracas com os doentes e assim estiveram n'uma noite tempestuosa em que os relampagos se cruzavam nos ares e os trovões resoavam com enorme estampido; no dia immediato tratou-se de fazer um fosso para melhor estarem a coberto de qualquer ataque e com troncos de arvores organisaram um reduto de defeza.

Depois de assim estarem alguns dias receberam ordem de marcha e avançaram para Chicomo, onde já estavam forças superiores e como todos não coubessem no forte que ali existe armaram barracas de campanha junto áquelle.

Reunidas as forças de artilheria, cavallaria e infantaria, avançou tudo sobre o territorio do Gungunhana.

Depois de uns dias de marcha e quando as tropas levantavam o acampamento saiu a cavallaria e os auxiliares pretos a fazer um reconhecimento, voltando pouco depois estes a gritar:

«Tudo tudo Gungunhana e tudo tudo na lapa»; immediatamente se formou quadrado com a cavallaria no meio e as peças de artilheria nos angulos, quando momentos depois surgiu de todos os lados uma nuvem de negros que o coronel Galhardo calculou em numero superior a nove mil, que começaram aos tiros contra os nossos.

O coronel Galhardo montado no seu cavallo e fumando um charuto observava aquella massa negra mandando depois tocar a fogo; a cada descarga que os nossos faziam, viam-se cair muitos vátuas e o fogo de artilheria juncava o chão de cadaveres.

Nas proximidades do local do combate estava uma lagoa onde se deu o seguinte episodio:

Um maldito vátua collocou-se n'ella e d'ali

figurar de ren um condiscipulo que era casado, e allegou por ali abaixo, por conta da verdadeira mulher, as cousas mais escandalosas, acontecidas... com a criada!

Mas vamos ao caso.

Distribuidos d'aquella vez os papeis para a tal comedia, cada um poz-se a fagullhar pelos cartorios do tribunal de Coimbra, em processos da mesma especie, o que lhe cumpria fazer na *audiencia*:—o juiz copiou o despacho; o distribuidor fez o rascunho da distribuição; os escrivães andaram a cheirar os protocolos; o official decorou o que lhe dizia respeito, que era só isto:

—Está aberta a audiencia ordinaria. Quem quizer requerer pode fazel-o.

Só o advogado do auctor, que era afinal o que tinha mais que fazer, porque havia de levar escripto o articulado, não quiz saber de coisa nenhuma, e nem abriu, sequer, um formulario!

Chega-se a hora da aula, e vão logo todos ter com elle, para que deixasse ver os *provarás*.

—Não fiz! Não é preciso! respondeu o Mesquita Carvalho sem dar importancia. Os outros ficaram banzados!

FOLHETIM

IN ILLO TEMPORE

In illo tempore...—costumava o dr. Chaves, que rege no 4.º anno Theoria do Processo, marcar na ultima epoca uns exercicios muito innocentes de *practica forense*, a fim de dar aos rapazes, alguns dos quaes nunca tinham posto os pés n'um tribunal, a idéa do que vinha a ser isso; ao mesmo tempo a scena de pôr em juizo uma acção; tramites d'esta, etc.

Semelhante coisa caberia talvez melhor no 5.º anno, em *Practica do Processo*. Mas como o dr. Chaves, além de ser o redactor principal da *Revista de Legislação e Jurisprudencia* e o melhor advogado da Lusa Athenas, é o Praxista Mór da faculdade, elle mesmo tomou á sua conta encaminhar n'esses primeiros passos a rapaziada, pregando-lhe os taes exercicios.

Ora o dr. Chaves é um chronometro... de carne e osso! Ao bater o quarto, elle que nunca deu uma falta, e só no verão sae a banhos até á Figueira, eil-o nos Geraes pontual-

fazia fogo contra os nossos soldados, mettendo-se debaixo d'agua e conservando-se bastante tempo mergulhado enquanto descarregavam sobre elle, de modo que as balas, perdendo a força na agua, pouco mal lhe faziam, até que depois de varias descargas o mataram encontrando-se-lhe no corpo quinze balas.

Um outro, escondido atraz de uma arvore, tambem custou a matar, por que aquella o resguardava, até que um tiro de peça lhe levou parte do corpo juntamente com o seu resguardo.

Muitos vátuas fugiam levando sobre os hombros algum companheiro ferido, mas umas balas ceiteiras faziam-nos cair com o seu fardo.

Em seguida os pretos auxiliares saquearam e incendiaram a aldeia residencia do Gungunhana encontrando-se em uma das cobalatas muitos livros e frascos que, segundo as declarações do nosso entrevistado, devia ser de botica.

De uma das cobalatas já em chamma saiu um vátua, que difficilmente podia andar e que foi logo conduzido á presença do coronel Gathardo, que depois de o interrogar por meio do interprete disse aos pretos nossos aliados que o deixassem e não lhe fizessem mal.

Alguns pretos ao prenderem o referido vátua gritavam que tinham apanhado o Gungunhana.

—Os pretos encarregados de conduzir o carregamento com munições para as tropas acompanhavam perfeitamente a cavallaria correndo e cantando sempre.

O seu principal alimento é a raiz da mandioca, que comem assada, cozida, em farinha solta, ou em papas.

Eis a maneira como a preparam:

Colhem as raizes da mandioca, cortam-nas aos bocoados e põem a secar, como se faz entre nós ao figo, depois as mulheres pizam as raizes dentro de grandes almofarizes e em seguida passam aquella farinha por uns cabazes para lhe tirarem a parte mais grossa.

Os pretos gostavam muito do pão que era fornecido aos soldados e quando estes comiam o rancho iam ao pé d'elles e pediam que lhe dessem um bocoado de *chijoua* que na lingua d'elles quer dizer pão.

Como curiosidade damos em seguida os termos que na lingua d'elles traduzem os seguintes animaes e objectos:

Porco—*cumba*; cães—*cui-o*; gallinha—*cú-cú*; cabra—*pongou*; tabaco—*fota*; faca—*gala*; gafanhoto—*umbe*; arvores—*tamba*; ovo—*manda*; gato—*chemanga*; boi—*oumo*; chapéu—*chegujo*; sapato—*chilata*; roupa—*bebelugo*; agua—*mate*; vinho—*soupe*; copo—*gubáze*; armas—*chebano*; colher—*chipome*; relógio—*chiccate*; assobio—*sule*; garrala—*lebatone*; toalha—*letoula*; cobertor—*ledamba*; meza—*nongu*; barreira—*pongola*; sacco—*tajo*; carreta—*nollo*; papel—*lepacc*; sol—*lilampo*; ceu—*izimbá*; terra—*mafu*; botões—*gubamie*; casa dos botões—*chiletos*; nariz—*tombo*; olho—*nico*; cabello—*michise*; bocca—*checuso*; lingua—*brame*; barba—*chilito*; dentes—*maguaga*; pescoço—*nambo*; braço—*leoco*; dedos—*utu*; palma da mão—*tianza*; unha—*piolla*; orelha—*inzeve*; bater—*cucupéga*; chorar—*comto*, etc., etc.

—Mas olha que o Chaves não é p'ra graças! preveniram-n'o todos.

E o Mesquita sem se ralar:

—Bem me importa a mim!

Ficou o curso todo, por conseguinte, a crer o que d'ahi sabia...

Chega o momento *psychologico*! O tribunal constitue-se; faz-se de conta que bateram as dez; e a um signal do que fazia de juiz, o official, que estava de pé, volta-se para o curso e diz o recado:

—Está aberta a audiéncia ordinaria. Quem quizer requerer pode fazel-o.

Moita! Alguns, cabisbaixos, fungavam de riso mordendo o lenço. Parecia uma comarca de 3.ª classe, Portel ou coisa que o valha: não havia distribuições!

Mas o dr. Chaves, que estava muito longe de esperar o que lhe aconteceu, vira-se então para o Mesquita Carvalho e diz-lhe assim:

—Sr. Mesquita Carvalho, o articulado!

Ergue-se o rapaz a meio corpo, e com a cara mais seria d'este mundo, volta-se para o Chaves e responde-lhe:

—Peço perdão a v. ex.ª... mas as partes... compozeram-se!

TRINDADE COELHO.

Em Lourenço Marques foi distribuido o seguinte—*Hymno do corpo expedicionario de Lourenço Marques*:

E' avançar! A nossa terra
Olha de longe para nós;
A' guerra! Bem! «Vamos á guerra!»
Podem dormir n'ossos avós.

Nunca o soldado portuguez
Teve na guerra um só desmaio;
Se cae levanta-se outra vez,
E o seu olhar é como um raio.

O peito é de aço;
Honrar a farda!
E nem um passo
A' reatguarda.

Se os nossos paes eram valentes,
Ninguém os ha de envergonhar;
Temos no peito animas ardentes,
E' avançar, é avançar.

Vamos, avante! E' na deanteira
Que a nossa morte é grande e bella;
Se lá deixámos a bandeira,
Comnosco veio a gloria d'ella.

O peito é de aço;
Honrar a farda!
E nem um passo
A' reatguarda.

Sinceramente nos regosijamos com as melhoras alcançadas pelo nosso amigo sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, dignissimo governador civil d'este districto.

Chegadas e partidas

Regressou na terça-feira de Coimbra, onde foi assistir a um jantar offerecido ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, que em breve parte para S. Thomé, o nosso amigo sr. dr. Silvestre Falcão.

Acompanhado de seu tio o sr. Francisco Barbosa Formosinho partiu para Lisboa, na segunda-feira, o menino Santiago Formosinho Romero.

Partiram na quinta-feira para Castillejos os srs. Pedro Gomes Marques, Sebastião M. Rodrigues, Marcos Domingues Martins, Francisco Marques e Agostinho Perez y Perez.

Retiram-se na segunda-feira para barlavento da provincia o nosso amigo sr. Pereira de Mattos, conceituado ourives de Lisboa.

Attentado anarchista

Na terça-feira, pelas nove horas da noite, deu-se em Lisboa na rua do Duque de Bragança, na casa onde reside com sua familia o delegado de saude sr. dr. José Joyce, uma grande explosão que poz logo em alarme todos os moradores das proximidades.

Julgou-se ao principio que fosse uma explosão de gaz, mas não, o facto não tinha sido casual e sim propositado.

Tratava-se d'um attentado anarchista, que visava o sr. dr. José Joyce por este ter sido um dos medicos que examinaram o anarchista Luiz de Mattos, auctor do attentado contra el-rei.

A' hora que acima dissemos, rebentou no patamar do 1.º andar uma granada d'artilheria, que felizmente não causou desgraças pessoais, mas que occasionou grandes prejuizos em todo o predio.

As portas foram arrancadas dos gonzos, os estuques caíram, os vidros fizeram-se em astilhas, n'uma das hobreiras da porta da sala do sr. dr. Joyce estava cravada a ponta metálica d'um projectil, partiram-se muitos moveis e loiças.

Accudiu muita gente e a policia do governo civil, prendendo em seguida, para averiguações, o porteiro do predio, sobre quem se reconhecem não pesar responsabilidade alguma do acontecido.

Fez-se uma rusga aos individuos conhecidos como tendo idéas anarchistas e foram presos muitos, que se distribuiram por algumas esquadras e pelo governo civil, sendo depois conduzidos para o quartel do Carmo.

O sr. dr. Joyce já tinha sido ameaçado, e preveniu d'isso o sr. Veiga, que não deu importância alguma ao caso, que talvez se evitasse se a policia tem feito vigiar o predio onde aquelle cavalheiro reside.

Infelizmente a ameaça converteu-se em realidade, e se hoje não temos a lamentar a perda de algumas vidas, não é porque a policia da sua parte tivesse empregado esforços para evitar tal attentado, apesar de ter sido prevenida muito a tempo e ter, por isso, obrigação de tomar as providencias requeridas.

Foi nomeado para a commissão de delimitação de fronteiras entre Lourenço Marques e Transval, o nosso amigo sr. Joaquim Antonio Nunes da Silva, capitão-tenente da armada. O nosso amigo parte em março para Lourenço Marques.

Esta commissão era desempenhada por Caldas Xavier, fallecido ha pouco.

Eleição

E' no proximo domingo que se realisa a eleição da junta de parochia da freguezia de S. Sebastião.

O sr. Celestino da Costa actualmente em caçadores 4 vai ser collocado no regimento de infantaria 16.

Casou na quarta-feira ultima o sr. Manoel Guerreiro Consequinte, estimado artista d'esta villa, com a sr.ª Maria das Dóres Martins. Foram padrinhos os nossos amigos srs. José Alexandre de Mendonça e Pablo G. Delgado.

Ambicionando aos nubentes um feliz futuro, enviamos-lhes as nossas felicitações.

Está aberto concurso para amanuense de 1.ª classe da repartição de tracção dos caminhos de ferro do sul e sueste.

Regressou a Faro o sr. João Jardim, com mandante da canhoneira *Lagos*.

O prior de S. Sebastião

O facto narrado no numero anterior do nosso jornal, de o padre Miranda se ter apresentado no enterro de um parochiano com um capote por cuna da estola e sobrepelez, causou assombro em toda a gente e entre os proprios collegas do virtuoso padre, a ponto de algumas pessoas julgarem que o padre Miranda tivesse enlouquecido.

O facto deu-se como nós o narrámos e estamos promptos a comproval-o com testeannhas, do mesmo modo que tambem provaremos tudo o que temos dito com relação ao padre Miranda, que se póde considerar um *exemplar* da sua classe.

Mas, enfim, ninguem é obrigado a dar mais do que tem e muito menos o que não tem.

O padre Miranda está sendo um elemento nocivo á religião em geral e em especial aos interesses religiosos da freguezia de S. Sebastião, que infelizmente dirige, pois longe de atrahir, a sua influencia é tão nefasta que todos os parochianos se retrahem e todos lamentam que uma freguezia de uma terra importante como Loulé esteja sendo pastoreada por tal padre, que pelos seus actos, outra coisa não tem feito mais do que desconsiderar, offender e indispor-se com a quasi totalidade dos habitantes d'ella.

Em lugar de promover o culto religioso, o padre Miranda só trata de crear embaraços a essas manifestações, como aconteceu com o *Te-Deum* do fim do anno transacto e como tem acontecido em outros casos de que fallaremos para que todos fiquem bem convencidos da verdade de tudo que temos dito.

Ainda a respeito do padre Miranda recebemos duas cartas revelando-nos coisas muito interessantes e que vamos averignar bem, para em seu tempo fallarmos d'ellas.

Hoje não temos tempo para mais e a pressa não é muita.

Já passa, felizmente, melhor da doença que ultimamente a accommetteu a sr.ª D. Catalina Barbosa Velasques, esposa do sr. Simon Velasques, residente em V. R. de Santo Antonio.

Muito estimaremos que em breve se restabeleça completamente.

Ao sr. José Bernardo Martins Pereira, amanuense dos caminhos de ferro do sul e sueste, foi concedida licença de 30 dias.

Por decreto de 6 do corrente, foi nomeado chefe do departamento maritimo do sul, o capitão de mar e guerra sr. Miguel Guilherme Sanchez de Gusmão.

O machinista de 3.ª classe, da linha do sul e sueste, sr. Luiz dos Santos Junior, foi exonerado a seu pedido.

Baptizou-se no domingo á tarde um filhinho do nosso amigo sr. Santiago Alvares Romero, recebendo o nome de Francisco.

Foi madrinha a menina Carmen Formosinho Romero e padrinho o sr. Francisco Barbosa Formosinho.

Na India

Não correm para o governo prosperos os ventos; depois das vergonhas com os expedicionarios, novas vergonhas na India, para cuja possessão se enviou um governador que por toda a gente é considerado incompetente para assumir tão importante cargo.

Ninguem sabe o que ali se tem passado e os proprios telegrammas officiaes não narram a verdade.

Depois do celebre telegramma em que dava como mortos n'um combate 80 soldados, telegramma depois explicado do seguinte modo:—que não tinha sido em *combate*, mas sim em toda a *campanha*, que falleceram 80, e depois de se ter dito que na India estava tudo pacificado, surge agora novo telegramma do governador de guitarra, pedindo nova expedição, cartuchame, espingardas, peças de montanha e escolta de infantaria.

Se depois do combate de 20 de dezembro nada mais occorreu que tem feito lá o sr. Raphael de Andrade e como se explica a necessidade de uma nova expedição, peças e munições de guerra?

Ninguem sabe o que lá se passa, mas o que todos já reconhecem, e entre esses alguns dos jornaes governamentais, é a necessidade absoluta de demittir o sr. Raphael de Andrade e enviar para a India novo governador, que attenda melhor os interesses d'aquella columna portugueza e que tenha aptidões diferentes d'aquellas que recommendaram o sr. Raphael de Andrade para governador da India.

Está plenamente justificado tudo que a imprensa da opposição disse do actual governador, mas o governo fez-se surdo a taes reclamações e eis agora os resultados a confirmarem cabalmente quão justas e verdadeiras eram as palavras dos que se inspiravam apenas nos interesses da nação.

Estadas

Em negocios da casa A. R. de Macedo, que representa, esteve aqui o sr. José N. Silva.

Esteve na quinta-feira n'esta villa o nosso amigo e assignante sr. Antonio de Brito Teixeira, de Salir.

Falleceu na Cavilhã a sr. D. Sophia Amelia Ratto, filha do sr. Januario Ratto, acreditado industrial d'aquella cidade, e prima do nosso particular amigo sr. Januario da Costa Ratto.

A toda a familia da finada os nossos sentidos pesames.

Tem estado doente o sr. José Viegas, d'esta villa. Estimaremos as suas melhoras.

Foi nomeado nosso representante em Londres o ministro de estado honorario sr. Frederico de Gusmão Correia Arouca.

Sepultou-se no dia 5, na Mexilhoeira Grande, o expedicionario José Abilio, 2.º cabo.

No prestito incorporaram-se muitos cavalleiros de Portimão, entre elles o administrador do concelho e alguns membros da camara. O caixão ia coberto com a bandeira nacional.

A' beira da sepultura fallou o administrador. O fallecido contava apenas 23 annos de idade.

Suspendeu a publicação o nosso collega *A Semana*, de Torres Vedras.

Foi collocado no regimento de caçadores 4 o aspirante de caçadores 7 sr. Augusto Soares.

No passado domingo, nas proximidades de Faro, houve um conflicto entre muitos estudantes e populares ficando feridos de parte a parte alguns dos contendores.

Foram concedidos 30 dias de licença ao coronel de estado maior, chefe da 4.ª divisão militar, sr. Luciano Azevedo M. de Barros.

De regresso de Cuba, desembarcou na Corunha o general Martinez Compos.

O governo tinha tomado providencias para que lhe não fossem feitas manifestações de desgosto, mas, ao desembarcar, ouviram-se alguns assobios e apupos.

Em Valladolid e Madrid é que essas manifestações tomaram maior incremento chegando, na segunda d'aquellas cidades, um guarda civil a matar um individuo que deu um morra a Martinez Campos.

Kalendario da semana



FEVEREIRO 29 DIAS

- 9, Domingo—St.^a Apollonia, V. M.
 10, Segunda—S. Escolastica.
 11, Terça—S. Lazaro.
 12, Quarta—St.^a Eulalia, V. M.
 13, Quinta—S. Gregorio H, P. ☉ Lua no-
 va ás 3 h. e 36 m. t.
 14, Sexta—S. Valentim, M.
 15, Sabbado—Trasladação de Santo An-
 tonio.

SAUDAÇÃO

No anniversario do meu amigo
João Antonio Silvestre

Quizera erguen lo uma taça
 de fino crystal, ou de ouro,
 juntando ás forças de um touro
 forgas de um fero leão,
 com risos de enthusiasmo
 e ante a surpresa dos nossos,
 ir quebrar eses teus ossos
 de encontro ao meu coração.

Quizera hoje, como d'antes,
 nos bellos dias festivos,
 os meus desejos m is vivos
 ir dizer-t'os com ardor;
 quizera fazer-te saudes
 na voz que tu apreciás,
 n'um turbilhão de alegrias,
 longe dos ais d'uma dôr!

Quizera fazer uns brindes
 em phrases vivas, sensatas,
 a um pae que muito idolatras,
 a ti, a todos os teus!
 Quizera ainda mais: quizera,
 no decorrer das saudes,
 exaltar tuas virtudes
 ahí ao lado dos meus!...

Ao lado dos meus?!... que disse?!
 Quem, ao sentir esse desejo
 d'uma caricia, d'um beijo
 ia teu rosto oscular,
 já não irá, meigamente,
 sem prantos, sem ais, sem dôres
 levar raminhos de flores
 e uma alegria ao teu lar!

D'aquí, de longe te saúdo;
 não vou levar-te a tristeza;
 ficarei n'esta frieza
 comprimindo o coração!
 Mas, a minha alma é contigo;
 e a saudação que te faço
 vale mais que um grande abraço,
 que um forte aperto de mão!

Lisboa, 5—2—96.

LUIZ RICARDO CARDOSO.

Anniversarios:—O nosso collega
O Tribuna Popular entrou no 41.^o anno de
 publicação e o *Jornal de Annuncios*, de Tavi-
 ra, no 14.^o anno.

Felicitemos os nossos collegas desejan-
 lhes muitas prosperidades.

Foi nomeado para embarcar na canhonei-
 ra *Lagos* o 2.^o tenente sr. Mello e Faro.

Reclame original:—O director
 de um theatro de Pekim achou o seguinte
 meio de fazer *reclame*:

N'um omnibus d'uma linha muito frequen-
 tada entram dois individuos que tomam logar
 um defronte do outro, encetam conversação
 e começam a elogiar com enthusiasmo tal
 theatro—o do seu patrão—e a desacreditar
 com convicção a empreza do outro theatro.

Chegados ao seu destino descem, como se
 não conhecessem... e um pouco mais adean-
 te entram n'outro omnibus e encetam a mes-
 ma conversação.

A princeza de Galles encommendou, a uma
 das principaes casas inglezas, um tricyclo
 para seu uso pessoal. O que ha de mais no-
 tavel é ter a princeza, segundo informam os
 jornaes inglezes, escolhido uma machina que
 já ha muitos annos se não usa, um *rotary*,
 tricyclo com uma roda grande e duas peque-
 nas.

Foi n'um tricyclo d'este modelo que em
 1883 Roussel estabeleceu o primeiro recor-
 do francez das 24 horas. Este genero de ma-
 chinas está, como acima dissemos, abando-
 nado de ha muito, tendo por isso a casa a
 que a princeza de Galles se dirigiu de fabri-
 car uma expressamente para a sua illustre
 cliente.

Já saiu da doca de Cacilhas a canhoneira
Faro.

Passou á classe de invalido o amanuense
 de 1.^a classe da repartição de tracção dos
 caminhos de ferro do sul e sueste, sr. Quin-
 tino José da Fonseca Pinto.

O ultimo número do *Amphion* traz o retra-
 to do barytono Ramon Blanchard, uma das
 principaes figuras da companhia lyrica de S.
 Carlos e os seguintes artigos:

Chronica quinzenal—Lino d'Assumpção.
 Capella russa e origem dos campos slavo-
 russos (continuação)—V. F. Braga.
 Cartas dos Paraizo—Tristão Pinto.
 Amadores de musica. O concerto da Real
 Academia—F. Flovia.
 Theatros: S. Carlos—Ph. Rauten; Rua dos
 Condes—Julius; Real Colyseu—Titus.
 Noticiario do paiz e do estrangeiro.
 Correspondencia do Porto.
 Folhetim—«A mais bella das aventuras»
 (conclusão).

QUADROS

DA

Dominação musulmana no nosso paiz

Os Lusos Arabes

PRIMEIRA PARTE

IBN-AMMAR

VII

A orgia

Daissé fazia graciosamente as honras de
 Hébé ao joven principe, e de cada vez que
 lhe enebia a taça varava-o de lado a lado
 com um olhar e um sorriso de enlouquecer.
 As suas palavras eram tão doces, que seria
 difficil distinguir bem se fallava ou cantava,
 se a sua voz dialogava ou se era o recitativo
 de uma ariá.

Trajava soberbamente.

Uma especie de crescente metalico em gui-
 za de diadema, cravejado de diamantes, sus-
 tentava-lhe o veu de gaze, mosqueado de
 borboletas de oiro, com azas de rubis e es-
 meraldas. Deitara-o para traz com graci-
 osa elegancia, deixando a descoberto um rosto
 alvissimo. E este rosto era tão bello, a cor-
 recção das suas linhas era tal, que se pode-
 ria dizer como o Motamid disse em seus ver-
 sos, que ali não se sabia se a estatua era
 mulher ou se a mulher era estatua.

O vestido semi-partido de velludo azul e
 de velludo escarlate quasi que desaparecia
 sob os arabescos dos bordados, em nervuras
 cruzadas e arrendadas com as azas da libel-
 linha.

Fulguravam-lhe no collo, nos cotovellos,
 no peito, nos cabellos, focos de luz de pro-
 digioso brilho, onde as scintillações se crusa-
 vam n'um labyrintho de fascas luminosas. O
 cinto formado de chapas de oiro resvalava-
 lhe pelo peso em torno de uma cintura de
 vespa, e era relido pelo contorno opulento
 dos quadris delicadamente boleados.

Em contravenção das leis do koran, o col-
 lo alto e esbelto como o do hairão, apresen-
 tava a alvura nitida do jaspé, realçado por
 um rico collar de pedrarias, e fazia advinhar
 as magnificencias de um seio de fada arque-
 jante de amor e volupia.

O braço direito desnudado até ao cotovel-
 lo era cingido por um bracelete de oiro, com
 uma pequena capsula engastada que encer-
 rava um talisman.

Aquella joia nunca Daissé a largava, e por
 isso era poeticamente appellidada a gentil
 cantora do bracelete de oiro.

Ibn Ammar conseguira vencer a sua má
 disposição, despejando copo sobre copo.

Animava-se-lhe a physionomia, e a sua
 possante imaginativa, aquecida pelos fumos
 do vinho desenvolvia-se n'um faiscar de ditos
 espirituosos, de improvisos brilhantes, de sa-
 tyras agudissimas e chistosas.

O outros convivas animavam igualmente
 o festim com allusões e conceitos engraçados.
 O principe estava radiante.

Daissé quasi que não comia. Desflorou
 apenas uma aza de faizão, e engoliu dois ou
 tres bagos de uva alambreada, que o princi-
 pe lhe offereceu de uma riquissima salva.

Bebia ainda menos, mas na sua taça lan-
 çara um preparado de cannabina, a que os
 orientaes chamam *hachich* (1) e que ainda
 hoje as mulheres musulmanas, nos harens,
 usam com frequencia, para fugirem ao tedio
 da reclusão.

Pouco a pouco o seu olhar tornava-se mais
 morbido, o rosto pendeu-lhe languidamente

sobre o coxim. Deixou de fallar, reclinou o
 corpo para traz e baixando os negros e far-
 tos cilios, tomou a lyra com que se acompa-
 nhava e preludio uns harpejos tão doces e
 maviosos que um fremito irresistivel corren-
 pelo cerebro de todos os assistentes e obri-
 gou a cessar o tumulto já desordenado do
 festim.

Depois, erguendo a cabeça lentamente, le-
 vantando a voz languida, como se cantasse
 sonhando, reflectindo-lhe a tez pallida a luz
 de mundos ignotos, com os olhos quasi fe-
 chados e o peito arfando docemente, cantou
 as lagrimas de Agar ao sabir da tenda de
 Ibrahim (2), os suspiros de Soleyman junto
 da rainha de Sabah, a lucta dos genios bons
 e dos genios maus, a fundação do templo da
 Kaaba, os trabalhos e fuga do Propheta, e as
 victorias das armas musulmanas.

A sua voz vigorosa e melodica dobrava-se
 a todas as expressões, accommodava-se a to-
 dos os sentimentos. Ora era meiga e melan-
 colica como um suspiro de amor, ora terrivel
 e enérgica como o reboar dos clarins guer-
 reiros.

Aos gritos de victorias juntava os risos es-
 tridulos de um jubilo louro, em girandolas de
 notas, que se sucediam rapidamente e laby-
 rinthos harmoniosos de sons exilarantes.

(Continua.)

OLIVEIRA PARREIRA.

(1) Palavra arabe que significa herba. O *hachich*
 ou *huschisch* é preparado de cannabino (can-
 nabis indica), fervido com manteiga, a que se ju-
 ta assucar e outras drogas. Produz uma embria-
 guz muito agradável.—V. Diet de Litre e Ro-
 bin.

(2) Ibrahim—Abrahão. Soleyman—Salomão.

Regulamento do recruta- mento militar

Já se acha á venda esta edição, contendo
 a lei de 27 de setembro ultimo e o regula-
 mento respectivo, approvado por decreto de
 26 de dezembro de 1895. Esta edição é a
 unica completa, porque é a UNICA que tem
 a lei e o regulamento; é a UNICA que con-
 tém repertorio, facilitando sobremaneira a
 consulta, e é a UNICA que, além d'estas leis,
 comprehende tambem a Divisão Administra-
 tiva, segundo os decretos do anno passado.

Pedidos á «Bibliotheca Popular de Legis-
 lação», rua da Atalaya, 183, 1.^o—Lisboa.
 Preço 200 réis.

Paderne

Como noticiai na minha ultima carta, ha-
 via chegado aqui, áquella data, um expedi-
 cionario d'esta freguezia, no dia seguinte che-
 garam mais dois.

O nosso bom amigo, reverendo padre Joa-
 quim Antonio Julio Baptista, parochio d'esta
 freguezia, fez reunir no ultimo domingo, de-
 pois da missa, os tres expedicionarios, na ca-
 pella mór da egreja, acompanhando-os de-
 pois conjuntamente com as auctoridades da
 terra, que conduziam a bandeira nacional, e
 mais alguns cavalheiros até á meia laranja,
 onde a musica d'aquí tocava o hymno na-
 cional, ao tempo que ao ar subiam immensos
 foguetes.

N'essa occasião, o nosso presado amigo re-
 verendo Baptista, pronunciou um d'esses bri-
 lhantes discursos que lhe temos admirado, jus-
 tificando mais uma vez os foros d'um dos pri-
 meiros oradores algarvios de que gosa, ter-
 minando por abraçar commovido os expedi-
 cionarios, os quaes tambem commovidissimos
 soluçavam d'alegria.

O povo então rompeu em estrepitosos vivas
 á patria, ao exercito, á armada, á bandeira
 nacional, á nação, ao capitão Mousinho, cor-
 nel Gallardo, etc., etc.

O cortejo poz-se depois em marcha per-
 correndo todas as ruas da povoação; de todas
 as janellas pendiam magnificas colchas, nas
 ruas erguiam-se arcos triumphaes, de todos
 os lados choviam flores por sobre os expedi-
 cionarios, á porta d'um d'estes distribuam-
 se esmolas aos pobres, os vivas eram inces-
 santes, algumas damas sabiam á rua a lançar
 flores, n'uma palavra é indiscriptivel, todo
 quanto se passou n'aquellas horas de louca ale-
 gria, n'aquelle momento em que o nosso peito
 cheio do mais intimo e santo jubilo, exultava,
 expandindo-se em enthusiasmos vivas á pa-
 tria; só tinhamos uma ambição, só nos domi-
 nava um desejo: tomar nos braços aquelles
 heroes e colher algumas flores dos louros que
 lhes adornavam as fronteiras, requeimadas pe-
 los raios abrazadores do sol africano, para as
 guardarmos como reliquias sagradas.

Como eram desusadas as pulsações do
 nosso coração, como nos sentiamos extenuos

de jubilo ao ouvir esses gritos enthusiasmos
 victoriantes dos nossos heroes d'além mar, co-
 mo era sincera e intima essa alegria que bri-
 lhava em todos os rostos, como eram expon-
 taneos esses gritos que atroavam os ares, e
 como era sublime ver essa enorme massa de
 povo cercado os nossos heroes, revendo-se
 activa na sua bravura, soltando-lhe vivas,
 commovidissima até ás lagrimas!

Ah! felizmente é bem certo, que se o co-
 ração do povo morreu para muita coisa boa,
 vive sempre n'elle o amor sagrado da patria.
 Roubem-no, escravizem-no, martyrisem-no
 por todas as formas e elle nada dirá ou quan-
 do muito levantar-se-ha a protestar, toquem-
 lhe porém na autonomia, na independencia
 da patria, e vereis que o leão, ha pouco
 adormecido e indifferente, se levantará de
 salto, prompto a vender bem caro, o mais pe-
 queno torrão dos seus dominios!

E' que o amor da patria não é uma pala-
 vra vã, é que se effectivamente a grande
 maioria do povo, desconhece os feitos heroi-
 cos dos seus antepassados, porque successi-
 vos governos anti-patrioticos lhe têm tolhido
 o direito de aprender a ler o sangue d'esses
 antepassados lhe gira ainda fervente nas
 veias, dando-lhe como que uma vaga e inde-
 finida idéa do que elles foram, por isso o
 povo sabe amar com inequalavel pureza este
 torrão que lhe foi berço, por isso todos quan-
 tos se presam de portuguezes, estão promptos
 a expor suas vidas em defeza da sua inte-
 gridade.

Ah! que se um governo coherente e pa-
 triotico, abrisse as portas da instrucção e da
 luz, aos filhos do povo, outro futuro bem mais
 risonho e feliz seria o do tão velho quanto
 desditoso Portugal, destinado a soffrer quan-
 tos dictadores de papelão, um rei desastrado,
 se lembra de atirar para as bancadas do
 poder!

—Está quasi prompta a ponte provisoria
 sobre a ribeira d'esta freguezia.

—Continua soffrendo incommodos de saude
 o nosso illustre amigo rev. padre Joaquim
 Antonio Julio Baptista.

Do coração fazemos votos pelo seu prom-
 pto restabelecimento.

—Um individuo qualquer, cujo nome ain-
 da ignoramos, matou hontem uma vaca, que
 segundo se diz estava atacada de tuberculo-
 se, vendendo a carne á sonega.

Esperamos que as auctoridades competen-
 tes tomem conta, apurando das responsabi-
 lidades que cada um tem n'este perigosissi-
 mo caso, que pôde ser origem do desenvol-
 vimento d'uma molestia tão perigosa como é
 a tuberculose.

—Foi hoje preso pela guarda fiseal, Se-
 bastião Lula, por se lhe encontrar em casa
 tres baralhos de cartas hespanholas, de jogar.

—Esta carta tem de ser deitada na caixa
 da estação de Albufeira, porque aqui só ha
 estampilhas se o Pae do Ceu se lembra de
 as deitar cá para baixo...

Providencias?... isso sim, valia mesmo a
 pena incomodar por tão pouco...
 6 de fevereiro de 1896.

PAULO MADEIRA.

E' posto á venda por estes dias o primeiro
 volume do *Relatorio Geral do Congresso Viti-
 cola Nacional*, de 1895, contendo a secção
 cultural e secção oenologica.

Esta obra comprehende as informações
 mais modernas, as noções mais racionais, as
 regras melhor organisadas em harmonia com
 a sciencia e com a pratica para a cultura da
 vinha e fabrico e conservação do vinho. **E'
 um verdadeiro manual, indis-
 pensavel a todo o viticultor
 portuguez.**

O leitor encontra n'este volume todos os
 relatorios apresentados ao congresso, as suas
 conclusões e as interessantissimas e instruc-
 tivas discussões que provocaram e em que
 tomaram parte os mestres mais abalizados na
 especialidade entre nós, discussões perfeita-
 mente fixadas pelo eximio corpo tachygraphi-
 co da camara dos senhores deputados.

Recebem-se desde já pedidos para esta pu-
 blicação que será immediatamente remetida,
 logo que appareça, franca de porte, mediante
 o recebimento da quantia do seu custo, em
 valle do correio ou estampilhas, dirigida a
 João Pereira, secretaria da Real Associação
 Central da Agricultura Portugueza, largo de
 S. Carlos, 4, ou ás administrações dos perio-
 dicos *A Vinha Portugueza*, 27, Arco da Ban-
 deira. *Portugal Agricola*, 66, rua da Impren-
 sa Nacional. *A Agricultura Contemporanea*,
 186-188, Rua Aurea, em Lisboa, e de *A Vi-
 nha de Torres Vedras*, n'esta villa.

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

2.º annuncio

No dia 9 do proximo mez de fevereiro, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, se ha de pôr pela segunda vez em praça, mas com o abatimento da quinta parte do seu valor, uma morada de casas terreas na rua do Outeiro, d'esta villa, pertencente ao casal inventariado de Helena de Jesus, foreira em 290 réis annualmente ao municipio de Loulé, avaliada, liquido de lôro, em 169\$845 réis.

Loulé, 27 de janeiro de 1896.

O escrivão,

Thomaz Joaquim Rua.

Visto—BARROSO.

ATELIER DE PINTURA

DE

F. CRUZ

(Pintor de Lisboa)

46, RUA DA MOTTA, 46—FARO

Executa-se todo o genero de trabalhos de pintura tanto em fino como em ordinario, taes como: templos, propriedades, ornamentação de salas, fingimentos de madeira ou pedra bronzeados em todos os gostos, pintura em carruagens, monogrammas, paizagens, etc.

Especialidade em pinturas de letras, douradas em todos os generos e encarnação de imagens (pelo systema francez). Fazem-se transparentes em vidro, papel e panno.

Preços sem competencia.

Não mandem fazer trabalhos de pintura sem primeiro consultar os preços d'este atelier.

Assigna-se na antiga livraria Bertrand, hoje José Bastos.

RUA GARRET, 73 LISBOA

CONDICÕES DE ASSIGNATURA	
Lisboa	
Anno.....	2\$400 réis
Semestre.....	1\$200 »
Trimestre.....	700 »
Provincias, Açores e Madeira	
Anno.....	2\$600 réis
Semestre.....	1\$400 »
Trimestre.....	750 »

Quem quizer estar ao facto do movimento literario, tanto no paiz, como no estrangeiro, assigne a Lettuna.

Numero avulso custa apenas 120 réis. Não se pôde exigir melhor e mais barato.

A LETTURA

Magnifica publicação quinzenal apparecendo nos dias 10 e 25 de cada mez, e editada pelo livreiro-editor José Bastos. Publica obras scientificas, litterarias e artisticas. Litteratura de todos os paizes.

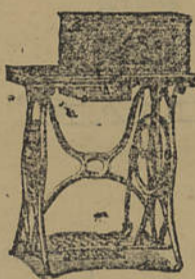
GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.^A LISBOA



UNICOS vendedores da machina Memoria, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas. Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velocipedes e bicycletas, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoro e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

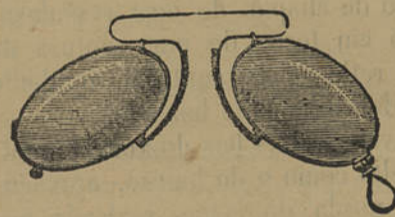
Ferragens, tintas, candieiros, relogios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade (Especialidade em chá, café e chocolate)

GRANDE E COMPLETO SORTIDO

EM

OCULOS E LUNETAS

de todos os graus

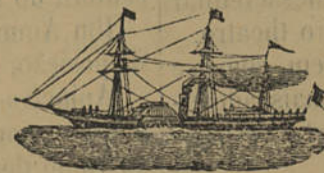


ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

MANUEL RODRIGUES CORREA

LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa imperpretervelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES 4.º

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor tem estabelecidas carreiras entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis. Agente em Faro—João Pereira d'Almeida.

TYPOGRAPHIA DO LOULETANO

ESTA typographia, montada com bom material, tendo adquirido boas e modernas machinas e já conhecida do publico pela boa execução de trabalhos n'ella feitos, está habilitada a satisfazer todas as encommendas, taes como: Procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autuações, recibos, quitações de fóros, participações de casamento, enveloppes e papel timbrados, todos os impressos para repartições publicas, prospectos, etc.

Cartões de visita em branco

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200
N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250
N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300
N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, perfeição, nitidez e promptidão. Basta só experimentar para se ficar sendo freguez d'esta typographia.

PHOTOGRAPHIA DO POVO

DE

F. CRUZ

(PHOTOGRAPHO DE LISBOA)

46, RUA DA MOTTA, 46—Faro

Nesta casa unica em todo o paiz que faz trabalhos mais baratos, executa-se todo o genero de trabalhos photographicos desde o diminuto preço de 500 réis cada duzia de retratos nitidos, até 4\$000 réis cada retrato em tamanho natural, empregando em todos os trabalhos productos de primeira qualidade, vindos directamente da casa PAULENC FAERES, de Paris, e tendo machinas especiaes para instantaneos grupos de grande formato e para reproducções ainda as mais difficeis.

Tambem se vae a casa dos freguezes por trabalhos superiores á quantia de 2\$000 réis não sendo fóra da cidade.

Tiram-se retratos a pessoas fallecidas, com grande perfeição, e por preços convencionaes. Fazem-se grupos de corporações, collegios, bandas regimentaes ou philarmonicas, em grande formato.

Clichés gratis. Ha grande collecção de photographias religiosas para vender.

Trabalha-se com todo o tempo. Abre das 8 horas da manhã ás 4 da tarde.

ESTABELECIMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—Loulé

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, etagères com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra espelho de crystal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos reitios, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, servicos de lavatorio em loiza e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candieiros de suspensão e meza, relogios, espingardas, accessorios para as mesas, oleados, baguet para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loizas.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encommenda que diga respeito aos mesmos.